

## REGISTROS DA MEMÓRIA CULTURAL EM JORNAIS DE ITABUNA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Tânia Valéria Céo de Oliveira<sup>1</sup>  
Valéria Amim<sup>2</sup>

*Submetido em 26/01/2019. Aprovado em 14/07/2019.*

**Resumo:** Na primeira metade do século XX, a cidade de Itabuna apresentava uma profícua produção jornalística, cuja história não se encontra satisfatoriamente documentada, havendo apenas estudos isolados de testemunhos da época. Dessa maneira, este artigo tem como objetivo demonstrar, na existência (materialidade) desses jornais, publicados, entre 1914 e 1952, um arquivo (porque fechado) de memórias que vêm à tona e reúnem elementos que dão um significado especial a uma dimensão histórica de relevância para a memória cultural. Tal pesquisa ancora-se, sobretudo, nos conceitos de Memória e Memória cultural, propostos por Jacques Le Goff (1990), Aleida Assmann (2011) et al. O *corpus* de análise é composto pelos jornais *O Labor* (1914), *O Esporte* (1922), *O Pharol* (1925), *O Echo* (1925), *O Fanal* (1935), *Voz de Itabuna* (1952), e indica que a imprensa jornalística dessa época se constitui como materialização de uma herança histórica e, simultaneamente, fonte, ou seja, documentos da memória cultural.

**Palavras-chave:** Memória cultural. Jornais Itabuna. Representação.

Muitas informações acerca da imprensa em Itabuna se perderam ao longo do tempo, sendo poucos os registros escritos e as fontes das memórias orais as quais nem sempre são creditadas, mas as informações existentes são ricas do ponto de vista histórico. Dantas (1986) registra que, em 1897, surgiu *A Platéia*, o primeiro jornal a ser editado na região, de formato pequeno e tiragem diminuta. Em 1904, foi impresso o primeiro exemplar do jornal *O Labor*, que circulou por mais de dez anos e foi adquirido pelo Sr. Mares de Sousa. Logo após, em 1905, surge *O Itabuna*, em homenagem ao futuro município, prestes a desmembrar-se de Ilhéus. A partir dessa época, e até 1952, foram registrados mais de cem jornais, além de revistas impressas e duas livrarias: a *Odete*,

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras (UESC). Graduada em Filosofia(UESC). Graduada em Letras e Artes c/Francês (UESC). Professora do Colégio da Polícia Militar – ACM / Itabuna – BA,

<sup>2</sup> Doutora em Cultura e Sociedade (UFBA). Docente do Curso de Comunicação Social da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC, e do Programa de Pós-Graduação em Linguagens e Representações (UESC). Pesquisadora do Núcleo de Estudos Afro-Baianos Regionais – KAWÉ.

voltada à venda de livros didáticos, e a *Agenciadora* (livraria e tipografia), que, além de didáticos, vendia obras literárias, principalmente, romances.

Dois fatos curiosos marcam esse período<sup>3</sup>. A Livraria Odete era dirigida por Jovino França que, por ser analfabeto, é substituído por um italiano; o segundo fato diz respeito à estratégia de vendas da *Agenciadora*, dirigida pelo proprietário Gildésio Lúcio Silva. O senhor Gildésio entrava em contato com as pessoas influentes da época e oferecia os livros da *Agenciadora*, solicitando-lhes opiniões, as quais eram impressas e colocadas na vitrine ao lado do livro para chamar a atenção do público e, dessa forma, promover mais vendas. Em alguns casos, os mais ricos da cidade achavam petulância de uma livraria pequena solicitar a opinião sobre os livros, e por isso não o faziam, mas esses relatos evidenciam, para além do investimento cultural em leitura e escrita na Região Sul da Bahia, as muitas memórias guardadas, conforme diz Le Goff:

[...] a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. Esse recurso é conhecido como suportes de memória, tanto nos seus aspectos biológicos como psicológicos, não são mais do que os resultados de sistemas dinâmicos de organização e apenas existem ‘na medida em que a organização os mantém ou os reconstitui’ (LE GOFF, 1990, p. 426).

Dessa forma, podemos inferir que os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores de mecanismos de manipulação da memória coletiva que, nesse caso, podem ser compreendidos como instrumentos e objetos de poder. Neste sentido, o espírito do tempo como bem disse Dilthey (1949) em todas as épocas vige sobre os sujeitos, visto que cada época nos fornece uma fisionomia determinada produzida por alguns traços gerais aos quais os sujeitos não podem se subtrair, ao contrário o “espírito do tempo” alcança nele sua mais alta expressão. A memória, portanto, carrega, sobretudo, este espírito, seja ele em sua forma de lembrança ou de esquecimento, e este aspecto nos remete ao fato de que ela, a memória, não existe estritamente no plano individual e, nem tampouco, no coletivo.

---

<sup>3</sup> As informações seguintes, acerca dessas livrarias, foram fornecidas pelo senhor Gildésio Lúcio Silva (proprietário e redator da tipografia e livraria *A Agenciadora*), em entrevista oral realizada por mim, em 19 de setembro de 2013.

De acordo com Le Goff (1990), os registros mnemônicos aplicam-se em dois tipos de materiais: os documentos (escritos, ilustrados, transmitidos pelo som, imagens ou a oralidade) e os monumentos (heranças do passado). A partir da revolução industriale, conseqüentemente, ao avanço científico gerado nesse período, surge a necessidade de se ampliar a noção de documento, isto é, tomá-lo num sentido mais amplo, incluindo as ilustrações, a transmissão pelo som, imagem ou qualquer outro suporte. Como já antevia Le Goff (1990), a revolução documental de novas unidades de informação promove mudanças: em lugar do fato que conduz ao acontecimento e a uma história linear, surge uma história de continuidade que valoriza o dado e o institui em patrimônio cultural, a partir da captação de microaspectos produzidos em diferentes contextos sociogeográficos, preservando a memória, inclusive visual, de inúmeros fragmentos de mundo, suas paisagens e sujeitos, seus eventos contínuos e suas transformações ininterruptas. A memória pode ser, nesse caso, comparada ao que Certeau (1980) chama de um espaço praticado; do mesmo modo, a leitura é o espaço produzido pela prática do lugar constituído por um sistema de signos – um escrito, pois os lugares são histórias fragmentárias e, muitas vezes, isoladas em si, dos passados roubados à legalidade por outro. Assim, um objeto, uma lembrança que a memória edita, organiza e recria se constitui como representação da história.

### **Paisagens da imprensa jornalística: entre história e memória**

O termo paisagem revela-se como um espaço de passagens e heranças simbólicas, em que cada fragmento histórico compõe uma tessitura de hábitos sociais, políticos e econômicos implicada em uma tela de comportamentos individuais e coletivos. Esses hábitos, vividos pelos indivíduos em sociedade, ocorridos entre épocas e diferentes gerações, são o que tornam a memória crucial no ser, dessa forma, cria-se um elo entre o indivíduo e o que está à sua volta (LE GOFF, 1990). Esse aspecto pode ser observado a seguir na coluna escrita por Jota Santos (1952):

Qualquer Assunto  
Firmino Alves e Robinson Crusoe

[...]

Essa lembrança me veio a propósito das comemorações que hoje se fazem em torno do centenário de nascimento do nosso fundador – Firmino Alves. Não sei por que um forte traço de união me pareceu

existir entre esses dois homens: o personagem fictício de De Foe e o rústico e corajoso personagem real de nossa terra. Talvez para alguns a comparação não vá bem, todavia, que foi Firmino Alves senão um Robinson Crusoe estilizado à maneira mais próxima do [real]? [...] De Foe, que segundo se conta escreveu o seu livro baseado apenas em notas, ter-se-ia sem dúvida servido-se de Firmino Alves para uma história aventureira se tivesse conhecido a luta do nosso primeiro desbravador. [...] Mas, mesmo assim, a narração de De Foe é até certo ponto uma reunião de símbolos. Ela representa o reverso da inação, a fuga do medo, a desdizência da fatalidade, a violentação do receio. E é nesse sentido que eu compreendi a aproximação entre os dois homens (SANTOS, 1952, *Jornal Voz de Itabuna*, Ano IV, N.º 162).

As nuances desse relato comparativo se tornam mais significativas a partir de um prévio conhecimento da obra de De Foe e do seu personagem Robinson Crusoe, tendo em vista que a narrativa é atestada pela memória dos fatos apontados na ficção, constituindo uma paisagem em sintonia com a representação da vida do comendador Firmino Alves. Cosgrove (1998) e Bloch (2001) associam o termo paisagem ao que se vê e se observa. Nesse contexto, partes da história capturada ao logo do tempo e das gerações se revestem de impressões e apropriações conectadas a elementos ideológicos e sociológicos, posicionados além do espaço meramente físico. Elementos da história impregnados por imagens, lembranças e símbolos passam a compor a representação social sobre a paisagem e, portanto, são transformados em cultura, conforme diz Rosendhal (2001):

Em cada época, o imaginário coletivo define a concepção social de natureza e a traduz transformando-a em artefatos materiais e simbólicos, ou seja, em cultura [...]. Ao ser objeto dessa lógica estruturante da sociedade, a paisagem é portadora de sentido. Assim veremos que o domínio ideológico que estrutura o espaço total está representado também na organização social das paisagens (ROSENDHAL, 2001, p.11).

Ao se ter a ideia de paisagem como um espaço da organização social, pode-se entrever que a história da imprensa na Bahia é constituída de implicações de uma cultura das sombras, ou seja, de lembranças e memórias vazadas de um passado de glória ou de decadência, as quais, ao longo do tempo foram guardadas ou deixadas de lado. No caso de Itabuna, a paisagem que se apresenta nas representações da imprensa foi marcadamente inscrita na narrativa tradicional vigente, cujo “esquecimento” coletivo dos memorialistas e historiadores regionais ocultou tanto os aldeamentos indígenas quanto a presença da mão de obra escrava na lavoura cacauera, preferindo conferir ao imigrante sergipano a plena responsabilidade pela implantação da cultura do cacau na região. Facilmente explicado por

Deotte (1994) quando diz que no seio da sociedade pode-se conjuntamente decidir-se por fazer passar o passado, consentir no esquecimento, amnistiar.

Para Assmann (2011, p. 19) é na sociedade que as pessoas normalmente adquirem suas memórias, recordando, reconhecendo e localizando-as (HALBWACHS,1990), como se pode observar nos telegramas a seguir:

TELEGRAMAS  
Serviço especial de “O Pharol”

– Bitonho Santo Amaro, Heráclito Pernas Tortas, fazendo ponto esquina casa comercial derribando parede. Fanjão.

Rua Lasca, 22 “Pharol” – Urgente –

Peço providência Apinhox Rodrigues – atracaram – motivo pedaço pão – Monteiro.

Ilhéos, 24 “Pharol” – peço João Rego remeter dinheiro peixe, noticia gastando cervejas bares – Marco Paraguassu.

Ilhéos, 25 “Pharol” – Peço este meio Oswaldo Baiao deixar coco população cidade, açambarcando todo entrada barcos. Do correspondente.

(Jornal O Pharol, 1925, ano I, Nº01)

Esses fatos do cotidiano geram fontes que alimentam as memórias individuais de forma espontânea. Isto se deve, em parte, porque as imagens memoriais que emergem dos fatos cotidianos funcionam como facilitadores da passagem de uma memória privada para uma memória pública. Todavia, a memória não é um estoque de representações, pelo contrário, produz um sistema dinâmico delineado pela seleção, com capacidade de repetir ou suprimir de maneira específica um ato mental ou físico (LE GOFF, 1990).

A memória cultural, por outro lado, depende das mídias e da política. Quando os movimentos de vanguarda ocorrem na Europa e as manifestações sociais emolduram um novo panorama artístico, se revelando contrárias às ideias de representação da realidade, o “instante captado” através das artes coloca-se de forma a representar os objetos de diversos e simultâneos pontos de vista (cubismo, futurismo, dadaísmo, Bauhaus, neoplasticismo, impressionismo, expressionismo, surrealismo, fauvismo):

A paisagem como representação resulta da apreensão do olhar do indivíduo, que por sua vez é condicionado por filtros, fisiológicos, sociológicos, socioculturais e econômicos, e da esfera da rememoração e da lembrança recorrente. A paisagem só existe a partir do indivíduo que a organiza, combina e promove arranjos do conteúdo e forma de elementos e processos num jogo de mosaicos (ROSENDHAL, 2001, p. 56).

Para Assmann, (2011, p. 20), nesses mosaicos são intercalados os arranjos do cotidiano que representam a sociedade e esse panorama, revestido pela paisagem, exerce pressão sobre o presente. Hoje, as muitas memórias diferentes e conflitantes que tornam efetivo o direito de reconhecimento na sociedade se contrapõem a uma história em particular e tornam fundamental o papel dessas memórias para a cultura atual, em um trajeto movido por vivências capazes de construir a ponte que a relaciona a tudo à sua volta e,

Assim, quando retornamos a uma cidade onde estivemos anteriormente, aquilo que percebemos nos ajuda a reconstituir um quadro em que muitas partes estavam esquecidas. Se o que vemos hoje tivesse que tomar lugar dentro do quadro de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptariam ao conjunto de nossas percepções atuais (HALBWACHS, 1990, p. 25).

Para Halbwachs (1990), o que ocorre a partir das relações pessoais é originado a partir de vários depoimentos, que, ao serem confrontados passam a concordar com o essencial, assim se dá a construção de um conjunto de lembranças. Os jornais da Bahia, ao comporem as paisagens da cidade a partir das afinidades do cotidiano, evocam e abrangem também o espaço cultural por esses mecanismos. Segundo o autor, nem sempre é necessária a presença do outro para reviver os acontecimentos ou lembranças, pois cada um retoma suas memórias a partir de suas próprias experiências, o que leva a pensar em uma dinâmica da memória sustentada pelos suportes da recordação representada pela vivência na coletividade, ou seja, as experiências individuais nem sempre se relacionam da mesma forma com todos os indivíduos, mesmo que essas experiências tenham sido compartilhadas pelo grupo. Constata-se, portanto, que as lembranças são estabelecidas a título de conservar:

La mémoire était ainsi, non pas seulement l'objet d'affections pathologiques spéciales, mais également une aptitude à conserver et à restituer ce que est conserve, sans laquelle la pensée em particulier, mais aussi l'avie em general, ne pouvaient être comprises (BERGSON, 2012, p.16).<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> “A memória foi assim, não só o objeto de condições patológicas específicas, mas também a capacidade de manter e restaurar o que está retido [conservado], sem a qual o pensamento em particular, mas também a vida em geral não poderia ser entendida” (Tradução própria).

Nessas memórias, ficam armazenadas as marcas e expressões de uma época e de como ela pode conservar e restituir as lembranças, os fatos e as influências através da história, dos sentimentos, dos símbolos e das relações entre o homem e a sociedade. “Na sua relação com os outros, no seio de uma sociedade global, os indivíduos, representam mais do que eles mesmos e cada qual, a seu modo, exprime algo do coletivo do qual não podem se abstrair” (LE GOFF, 1990, p.64). Tanto nos jornais da Bahia como em outras regiões do Brasil, os leitores e os ouvintes desses textos imprimiam a essas “leituras” características culturais próprias, as quais não podiam ser deixadas de lado.

Dá-se início a acontecimentos que irão romper com as velhas tradições. A sociedade passa a ser um retrato dos novos momentos, a arquitetura passa a compor-se de ferro, aço e vidro, o homem se vê em suas fragilidades. A velocidade das máquinas irá ditar o ritmo frenético, e o crescimento nas pesquisas ganham vida nos laboratórios, a ciência dita novas regras. O passo a passo, o detalhe traça um novo contorno nas artes: o abstrato toma forma.

O Brasil, do início do século XX, tornou-se um lugar de prosperidade e crescimento. Na Bahia, os acontecimentos regionais renovaram a forma de noticiar um fato, adquiriram características detalhistas, e a forte influência política do governo nesses jornais apontou o caráter dependente dos mesmos. Os periódicos exibiram bom acabamento, eram cuidadosos com os editoriais e buscavam ter um compromisso com a “verdade”. Salvador, capital da Bahia, se destacou, segundo Pontes (2005) como um centro de referência para o jornalismo brasileiro por ter sido a primeira capital do país, e uma das cidades com uma imprensa mais influente ao longo dos tempos.

Para Certeau (1980) nossa sociedade mede toda a realidade por sua capacidade de mostrar ou se mostrar e transforma as comunicações em viagens do olhar. Esses instantes captados pelo olhar alheio, da conversa de botequins, das caminhadas solitárias, das manhãs ensolaradas, das tardes nos cafés, no surgir da noite caracterizam o espaço urbano. Durante a noite as vozes tomam forma, se conectam com o mundo, para que ao amanhecer estejam representadas as memórias da cidade:

A cidade é o cenário sobre o qual o ser humano vive, age, reage, transforma, constrói, destrói, reconstrói. É, principalmente nas cidades que as ideias, as ações e reações são publicadas – é a *publicidade*, onde as pessoas sofrem reveses causados pela vida econômica, pela política – é a *atrocidade*, onde o que acontece logo é espalhado pela imprensa falada,

escrita, televisiva, virtual – a *velocidade*, onde a pobreza extrema impera, tornando os homens sub-humanos – é a *mendicidade*, onde as coisas caducam, ficam fora de moda com rapidez – é a *fugacidade*, onde as festas e o lazer tiram pessoas da rotina, a prece eleva a alma do religioso a Deus – é a *felicidade*, onde o roubo, a mentira, a falsidade imperam – é a *rapacidade*, onde as pessoas podem sentir amor, atração, ou repulsa, desconforto, a chamada topofilia – é a *geograficidade*. Tudo isso parece se processar com mais vigor no centro da cidade – seria a *centricidade*? Ou a (ex) *centricidade*? (ROCHA, 2003, p.20).

São nesses espaços da cidade, portanto, que se constituem o que podemos chamar de memórias – não no sentido de características permanentes para se estabelecer uma identidade, mas de construções de permanência em um *modus vivendi* fundido a partir de um ideal, cristalizado ou transformado ao decorrer do tempo. Nesse contexto de memórias, imagens e representações, temos a vida cultural da cidade, rica de eventos e histórias. As páginas amareladas pelo tempo do jornal *A Tarde* trazem à memória social os debates, desejos, anseios e medos (BANDEIRA E OLIVEIRA, 2012). Desde as primeiras publicações, os jornais baianos demonstram o cuidado em guardar o que foi e o que é preservado na Bahia em termos de patrimônio material e imaterial, suas reportagens cumprem um papel que não é só histórico, mas social e cultural. O conceito de lugar de cultura está relacionado aos lugares onde as práticas culturais se desenvolvem, onde ocorrem movimentos e espaços das representações, segundo Augé (2005):

A modernidade em arte preserva todas as temporalidades do lugar, tal como estas se fixam no espaço e na palavra. Por detrás da roda das horas e dos pontos fortes da paisagem, encontram-se, com efeito, palavras e linguagens. Palavras especializadas da liturgia, do ‘antigo ritual’, em contraste com as da oficina que canta e palra; palavras também de todos aqueles que, falando a mesma linguagem, reconhecem que pertencem ao mesmo mundo. O lugar consuma-se através da palavra, da troca alusiva de certas senhas, na convivência e na intimidade cúmplice dos locutores (AUGÉ, 2005, p.66-67).

A cumplicidade ocorre no percurso entre as relações pessoais e o mundo em volta, das manifestações das palavras, da história, da memória, dos registros em que o lugar é consumado e efetiva-se, dá continuidade aos fatos, às lembranças. Nessa perspectiva, Bandeira e Oliveira (2012) discorrem sobre a relação entre o crescimento do jornal *A Tarde* e o crescimento da cidade de Salvador, ressaltando o caráter acolhedor e confiante dessa cidade que exige que o jornal transmita seus anseios, encare e propague as novas



demandas, o que se expressou, inclusive, com o surgimento de uma classe média em busca de inovações e modernidade.

Ao revisitar as memórias da vida cultural em Itabuna, revisita-se de alguma forma o que foi preservado por outras memórias individuais, sociais e históricas, como os relatos do jornal *A tarde* (2012) de Salvador. Desse encontro, constata-se o silêncio do que ficou guardado e do que se pôde capturar dos tempos de glória, de riqueza e de facilidades promovidas pela abundância advinda da cultura do cacau, e por outro lado, o que tornou essas terras um lugar de destaque, que destoava de outras regiões da Bahia. A região cacauzeira vivia um “mundo à parte”, protegida e enaltecida pelos grandes fazendeiros, “o fruto de ouro”, o cacau, promovia e bancava o luxo, as extravagâncias e o investimento cultural.

Em Itabuna, esses registros da memória cultural demonstram a valorização e uma cuidadosa estrutura social, que perdurou por décadas. Em meio a esse contexto, a imprensa da época crescia, desenvolvendo-se com inovações e investimentos altos, que seguia não só o contexto local, mas buscava fontes do contexto nacional e internacional às quais se integrava em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar o que a memória é capaz de armazenar e promover como bem cultural. Testemunhos e comportamentos são registrados para compor épocas e diferentes contextos, o que se pode constatar pela alta incidência de pseudônimos utilizados por alguns jornais, a partir da década de 1922, o que, em certa medida, nos fala sobre o quanto as relações sociais são geradas por mecanismos silenciosos. Muitos escritores optavam por esse recurso, por um lado, como uma forma de preservarem-se e, por outro, encontravam-se no direito de se colocarem invisíveis diante das questões e dos fatos. A polêmica em torno das situações, a ironia, as declarações de amor, os textos literários, as disputas políticas, o cotidiano eram os temas que sobressaiam nesses textos, conforme podemos observar nessa coluna do jornal *O Pharol*:

Eu alarmo porque observei...

- O gajo Rodrigues do posto, tirando fiapo com uma senhorinha residente à rua da Lasca. Não seja tão desalmado para com a senhorinha incauta. Lembre-se da noiva que está na Capital.
- Os almofadinhas Antonio Martins e Lourival Lins em uma banca do “Grande Bar” tratando de reportagem para “O Echo”. Reporters ou polícias secretas?

*Olho de Lynce*

(Jornal O Pharol, Anno I, N° 1, 1925)

No trecho acima, nota-se a passagem de uma memória social de encenações que vai de encontro com o perfil do jornal O Pharol (1925), quando afirma ter como proposta críticas leves, sem ofensas. Para Certeau (1980), a história é a arte da encenação, uma operação que compreende a relação entre o lugar do discurso, os procedimentos de análise e a construção de um texto. Ou seja, o jornalismo, assim como a história, não reconstitui a verdade, interpreta-a. O uso de pseudônimos é variado, os temas são desde o cotidiano, as frivolidades das relações, as declarações de amor, aqui registradas como provedora de memórias da cultura local e nacional:

Visitas ilustres de jornalistas:

O Palmerense – Importante jornal – Paraná

Jornal A Evolução – publica assuntos variados – Therezina

O Orvalho – Jornal Literário e humorístico Santa Cruz

Futura guerra [franco?] franco-allema - Comunicação dada pelo espírito de Joana d'Arc (traduzida especialmente para o mensageiro)

(Jornal O Labor, Anno I, N. 24, 1914)

Nota aos consumidores

Mudança na venda e nos pagamentos devido a I Guerra

Anúncio:

Encarte 'A Guerra' não circulará devido estar enfermo o correspondente – jornal diário

(Jornal O Esporte, Anno I, N.º 7, 1922)

CARTA PERDIDA – Oh anjo encantador!

Comissão de surdos em Itabuna

FUTURISMO E PASSATEMPO – DANDY

Incontestável – sobre o corte de cabelo das mulheres

Para distinguir ou para machucar sobre a moda feminina

Concurso dos feios

(Jornal O Pharol, Ano I, N.º 1, 1925)

Nota de Aniversário - Do jornal O Pharol – início das publicações

Concurso de beleza para mulheres

Busca policial com recompensa

(Jornal O Echo, Ano I, N.º 6, 1925)

Resposta sobre a guerra Italo-ethiopia

Correspondências da biblioteca Machado de Assis

(Jornal O Fanal, Ano III, N. º8, 1935)

As memórias trazidas se referem não só a um tempo remoto, vivido, como também às experiências deixadas pelo indivíduo, o grupo, a família, em suas relações de convivência na sociedade. Esses aspectos se traduzem na representação cultural de época, nas tendências, nas intimidações, nas ironias, no engajamento dado as reportagens, nos relatos sutis. Nesse caso, portanto, não existe apenas uma materialidade e, sim elementos que compõem histórias e memórias (ASSMANN, 2011). A esse respeito, Maciel (2000) aponta:

A leitura cotidiana, e a crítica, dos jornais exige um exercício para desvendar e cotejar seus múltiplos textos, para estabelecer relações e nexos entre notícias apresentadas de forma tão fragmentada e hierarquizada, para descobrir o que não é dito ou o que é apenas insinuado nas entrelinhas, esmiuçar significados em títulos e destaques que, às vezes, invertem ou até desautorizam o conteúdo das matérias; enfim, para elaborar uma opinião e a crítica sobre a realidade em meio ao poder e à universalidade das representações elaboradas diariamente pelos jornais, precisamos realizar um trabalho árduo e uma intervenção ativa para lidar com uma narrativa sobre os acontecimentos que se apresenta como o próprio acontecimento, reivindicando uma condição de lugar de verdade na produção do entendimento sobre a realidade social (MACIEL, 2000, p.14-15).

É deveras importante a observância desse aspecto, destacado pelo autor, em que a interpretação dos fatos (narrativa dos jornais) reivindica para si o estatuto do próprio fato. Cada traço, cada palavra são portadores de significado para esses eventos. Portanto, o que fica na memória invisível é o que ainda não foi compartilhado e que de alguma forma pertence a um arquivo. Segundo Assmann (2011), esse processo traz à tona quão precária é a fronteira que a cultura constrói entre arquivo e descarte. O que existe no estado de latência momentaneamente inacessível pode, no que tange à memória, ser redescoberto por uma época posterior, reinterpretado e imaginativamente reavivado por ela, como uma experiência atual de forma quase intemporal.

## **Conclusões**

Na busca de conhecimento, no estabelecimento e desenvolvimento do homem na sociedade, várias foram as maneiras encontradas como meio de registrar a passagem do homem pela terra e das histórias que ele constrói. Esses registros passaram a ser

denominados documentos. Ao longo dos tempos, esse termo adquiriu várias interpretações nos estudos dos cientistas da informação e dos arquivistas. Tornaram-se testemunhos das imagens que a memória escrita fornece do olhar cotidiano, sendo aos poucos construídas, e dessa forma, foram revelando o *modus vivende* de cada época.

Nesse percurso, os dados e os traços deixados se transformam em documento da história. Portanto, ao se debruçar sobre o arquivo, considerando às memórias do passado, nos depararmos com os recortes e impressões de seus arquivadores, além de que o arquivo se permite a diversas leituras de acordo ao que se pretende. Enquanto valor histórico ele é recolhido por determinada função e repositório de objetos; para a memória da cidade e das pessoas, hoje, esses registros funcionam como patrimônio, uma vez que carregam consigo outros valores além do histórico, cultural, e social, pois portam, ainda, o emocional, o afetivo e as variadas representações que compõem o imaginário social de uma dada época. Para aqueles que não possuem vínculos emocionais, sociais, históricos, este, é um local de armazenamento desses documentos e objetos que estão sujeitos a um determinado fim. Dessa forma, para a memória coletiva, esses vestígios deixados da cultura são traços, imagens, suportes, monumentos que esteiam a sociedade e sustentam os vínculos como forma de se manter uma memória, e como condição de luta contra o esquecimento e apagamento.

A memória coletiva, nesse sentido, valoriza-se, institui-se em patrimônio cultural, uma vez que, ao se transmitir, contribui para a constituição de um tempo anônimo, que se situa a meio caminho entre um tempo privado, aquele vivido pelo sujeito, e um tempo público, social e, portanto, coletivo conhecido por tempo histórico. Todavia, a relação entre memória e tempo se evidencia através de variadas expressões (no meu tempo, em outrora, no passado, quando eu era criança e etc.), a de se considerar, o antes/agora, dicotomia temporal que organiza qualquer rememoração, podendo destacar as representações do tempo, próprias da sociedade considerada. No caso dos jornais de Itabuna, a influência de uma elite dominante na produção e circulação de matérias jornalísticas e narrativas, deixam evidências de uma construção de sociedade que se quis branca, europeia e inserida nos parâmetros ocidentais de modernidade.

A presença da população indígena e da população negra na construção da identidade cultural da região é ocultada, esquecida, invisibilizada pelos memorialistas, historiadores regionais e jornalistas nas narrativas sobre a história e formação da região,

por exemplo. Todavia, a vida de um grupo e de sua memória ancestral, da sua identidade e da sua pertença, se agarra aos marcos singulares que ano após ano reescrevem seus trajetos. E suas tradições são a um só tempo revigoradas, e permanecem, mesmo não escritas em jornais, como é o caso do candomblé, dos aldeamentos indígenas, das inúmeras danças e expressões artísticas e culturais, dos movimentos da juventude, os poemas, as pinturas nos murais, todos eles procedem de uma dimensão individual e coletiva cuja significação daquilo que foi memorizado pelo sujeito implica sempre no diapasão da sua própria cultura e temporalidade, do espírito de seu tempo.

## REFERÊNCIAS

- ASSMANN, A. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Tradução de Paulo Soethe. São Paulo: Editora da Unicamp, 2011.
- AUGÉ, M. **Não lugares**: introdução a uma antropologia da sobremodernidade. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: 90° Editora, 2005.
- BANDEIRA, C.; OLIVEIRA, M. A evolução da sociedade. In: BANDEIRA, C.; OLIVEIRA, M. **Jornal A Tarde**. Edição especial. Salvador, ago. 2012.
- BERGSON, H. **Matière et mémoire**. Imprimé en Espagne: GF Flammarion, 2012.
- BLOCH, M. **A terra e seus homens**. Bauru-SP: EDUSC, 2001.
- CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. 3 ed. Rio de Janeiro: Petrópolis: Editora Vozes, 1980.
- COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDHAL, Z. **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.
- DEOTTE, J. L. **Oubliez! Les ruines, l'Europe, le musée**. Paris: L'Harmattan, 1994.
- DILTHEY, W. **Introducción a las Ciencias del Espíritu**. Tradução de Eugenio Ímaz. México: Fondo de Cultura Económica. 1949.
- HALBWACHS, M. A memória coletiva. **Revista dos Tribunais**, 1990. Disponível em: [www.ebah.com.br/contest/ABAAAfXQAL/Maurice-halbwachs-a-memoria-coletiva](http://www.ebah.com.br/contest/ABAAAfXQAL/Maurice-halbwachs-a-memoria-coletiva). Acesso em: 5 ago. 2013.
- JORNAL A TARDE. Salvador, ago. 2012. Edição especial
- JORNAL O ECHO. Itabuna, n.6, anno I, redator e gerente: A. M. Martins da Silva, fundador: Perolino Pimenta. 1925.

JORNAL O ESPORTE. Itabuna, anno1, n. 7, diretor: Branco e Moreno, 1922.

JORNAL O FANAL. Itabuna, anno III, n. 8, diretor: Ottoni J. Silva, José Kfoury, Gerente Hermenegildo Souza, 1935.

JORNAL O LABOR. Itabuna, ano X, n. 24, 1914.

JORNAL O PHAROL. Itabuna, anno 1, n. 1, diretor: Mário Baracho, 1925.

JORNAL VOZ DE ITABUNA. Itabuna. ano IV, n. 162, Secretário-Gerente: Gidalthi Pereira, Francisco Ribeiro, 1952.

LE GOFF, J. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

MACIEL, L. A. **Produzindo notícias e histórias**: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa – 1880/1920. In: FENELON, D. R. et al. *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d'água, 2000.

ROCHA, L. B. **O centro da cidade de Itabuna**: trajetória. Signos e significados. Ilhéus-BA: Editus, 2003.

ROSENDHAL, Z.; CORRÊA, R. L. **Paisagem, imaginário e espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

## **CULTURAL MEMORY RECORDS IN ITABUNA NEWSPAPERS IN THE FIRST HALF OF THE 20TH CENTURY**

**Abstract:** In the first half of the twentieth century, the city of Itabuna (Bahia, Brazil) had a productive journalistic production, whose history is not satisfactorily documented, with only isolated studies testimonies of that time. Thus, this work aims to demonstrate, in existence (materiality) of these newspapers published between 1914 and 1952, a file (because closed) memories that appears and brings together typical elements, that gives a special meaning to this evidence, in a historical dimension of relevance to the cultural memory, represented by the local press. Such research is anchored mainly on the concepts of File, memory and Cultural memory, proposed by Jacques Le Goff (1990), Aleida Assmann (2011) *et al.* The analysis *corpora* is composed of newspapers: *O Labor* (1914), *O Pharol* (1925), *O Esporte* (1922), *O Echo* (1925), *O Fanal* (1935), *Voz de Itabuna* (1952), such *corpora* indicates that the news media of that time is constituted as materialization of an historical heritage, and, simultaneously, source, document files of cultural memory.

**Keywords:** Cultural memory. Itabuna newspapers. Representation.